

Colégio de São João de Brito em Lisboa

# A MELHOR ESCOLA APOSTA NA “CULTURA DO MAIS”

No 1º ciclo há duas professoras só para dar apoio. Ao longo dos anos esse suporte mantém-se porque os docentes “vestem a camisola”

Por Bárbara Wong

No centro da parede está o quadro de lousa preto, ladeado por um crucifixo e uma imagem de Nossa Senhora; no chão, o estrado com a secretária do professor, isolada e virada de frente para mais de vinte pequenas carteiras onde os alunos estão sentados. Assim que o padre Jorge Sena, director do Colégio de São João de Brito, em Lisboa, entra na sala de aula do 10º C, os adolescentes saltam das carteiras e recebem-no de pé. Só se voltam a sentar depois de o director lhes pedir que o façam. Sem constrangimentos, nem inibições, os miúdos perguntam com à-vontade o que faz o PÚBLICO dentro da sala.

O director explica que a escola ficou em primeiro lugar no “ranking” nacional das secundárias. Uns sorriem e comentam, outros nem ouvem a explicação ocupados que estão em dar um jeito ao cabelo para ficarem bem na fotografia. Assim que se fecha a porta, a aula volta ao seu ritmo, sem mais distrações.

Ser responsável, exigente consigo mesmo e contribuir para uma boa convivência entre professores, alunos e “educadores não docentes” (é assim que são designados os funcionários), são algumas das condições que os responsáveis do colégio da Companhia de Jesus procuram incutir nos mais de 1500 alunos, do pré-escolar ao secundário. Estas características contribuem também para o bom desempenho dos seus finalistas nos exames nacionais do 12º ano, acredita o director.

Em 2001, o estabelecimento de ensino ocupava o 12º lugar, no ano seguinte subiu seis posições e outras seis este ano, para primeiro. Apesar de não trabalhar para os “rankings” — “as privadas são sempre avaliadas pelos pais” —, “nem viver muito” a sua publicação, Jorge Sena salienta que a escola, sempre que há provas aferidas, feitas pelo Ministério da Educação, aos 4º, 6º e 9º anos participa. “Queremos ser avaliados”, diz. O colégio aposta ainda na auto-avaliação, feita pelos professores.

**Uma escola com “quadro de honra”**  
No “quadro de honra” da escola estão os nomes dos alunos que têm o melhor aproveitamento escolar, mas não são só: para além dos seus figuram os dos que foram eleitos pelos colegas como o melhor companheiro de turma, o que mais se distinguiu pelo esforço, pela criatividade artística ou o que mais participou na vida do colégio.

Porquê? Porque o objetivo não é premiar apenas os bons desempenhos, mas a pessoa no seu todo. O projecto educativo do colégio assenta em três pilares: além da aposta na qualidade, a escola preocupa-se em fazer um acompanhamento personalizado dos alunos e em “fomentar a capacidade de tomar decisões de forma responsável”, enumera o director.

MIGUEL SILVA



No Colégio São João de Brito os estudantes são desde logo integrados em actividades de ajuda aos outros

“Queremos passar aos estudantes a cultura do mais: tem de ir mais longe, ser exigente, ser um estudante de qualidade, não se contentar com a mediania”, frisa o jesuíta. E, para isso, a escola pode dar uma ajuda, mas não faz o trabalho todo: “Apostamos o caminho, mas queremos que sejam eles a fazê-lo”, defende o director. Assim, quando há problemas de aprendizagem, os estudantes são acompanhados pelo gabinete de psicopedagogia.

Como “um bom começo vale para toda a vida”, a escola aposta em ter dois professores no 1º ciclo, cuja missão é dar aulas de apoio. Da parte dos docentes há um “vestir a camisola” que lhes permite estar disponíveis sempre que os alunos precisam. “Os professores querem que os alunos sejam bem sucedidos”, justifica o director.

Esse apoio vai acompanhando o aluno até ao secundário, pois são muito poucos os que abandonam o co-

légio quando mudam para este ciclo. Quando chega à época de exames, pode haver aulas extraordinárias, mas não são obrigatórias, pois depende da dinâmica de cada turma.

## Alunos participam em campanhas de solidariedade

No recreio do 1º ciclo os miúdos, todos de bata azul-claro com o símbolo do colégio bordado, estão debruçados sobre as mesas de matraquilhos, voam nos balouços ou deslizam pelo escorrega. Há ainda quem faça círculos com pedras da calçada para lançar os piões, que não são dos de madeira, mas de plástico e têm um mecanismo que substitui a corda. Assim que vêem o director, os miúdos aproximam-se, há um que o cumprimenta com um “dá cá mais cinco”, outro corre desenfreado e grita: “Tudo fixe?” Mas a maioria sorri e diz simplesmente: “Olá.”

“É o padre Sena, não é?”, pergunta um menino do 1º ciclo, junto à mesa

dos matraquilhos. O director confirma e aceita o convite para jogar um bocadinho.

A escola foi criada em 1947 e tem como lema “Educar para servir”. Desde o 1º ciclo que os estudantes estão integrados em actividades de ajuda aos outros. Quando chegam ao secundário, um terço dos alunos mantém essas dinâmicas, em regime de voluntariado.

Dar apoio no estudo a garotos de outras escolas, em lares de crianças, de idosos, durante as campanhas do Banco Alimentar são algumas das acções de solidariedade em que participam. “Isso não é paternalismo, não é dar esmola, é dar e receber, porque os outros também têm dons para partilhar connosco”, defende Jorge Sena.

Estas actividades não prejudicam o rendimento dos estudantes, garante o director. Afinal, enquanto estão ocupados, estão a ser úteis. ■

## Em que lugares estão os outros colégios dos Jesuítas?

Além do Colégio de São João de Brito, a Companhia de Jesus tem mais duas escolas no país: o Instituto de Nuno Álvares (INA), em Santo Tirso, e o Colégio da Imaculada Conceição, em Cernache. Se a escola de Lisboa está em primeiro lugar, as outras duas estão em 164ª e 249ª, respectivamente. Porquê se, como garante o director do São João de Brito, Jorge Sena, estas escolas têm a “mesma qualidade educativa, investem na formação de professores e os equipamentos e estruturas são de grande qualidade”? Porque os alunos são diferentes. Estas escolas têm contratos de associação com o Ministério da Educação, ou seja, qualquer miúdo pode frequentá-las porque o ensino é pago pelo Estado, pois estão em regiões onde não há escola pública. “O colégio de Coimbra fica num meio paupérrimo”, informa Jorge Sena. “É um meio rural, com fraco nível cultural. Teríamos outra posição no ‘ranking’ se estivéssemos mais próximos de Coimbra”, acrescenta o director da Imaculada Conceição,

padre José Manuel Martins Lopes. Contudo, em 43 alunos, apenas três não entraram no ensino superior e 39 foram para a primeira opção, tendo um deles entrado em Medicina. Já no INA há filhos de desempregados, emigrantes e empresários dos tóxicos. “O nosso contexto é muito diferente, porque os alunos do S. João de Brito pagam e nós temos de receber todos”, refere o director pedagógico Pedro Monteiro. O director do São João de Brito garante que no seu colégio não se entra por “cunhas”, nem os alunos são escolhidos por “testes”. Embora um estudante do secundário pague, no mínimo, 3600 euros anuais, há miúdos, cerca de dez a 15 por cento, que se candidatam a bolsas e pagam menos. A escola tem ainda um número de lugares reservados a alunos deficientes e a outros que vivem em lares da Misericórdia. À noite, o colégio recebe também meio milhar de adultos do ensino recorrente que fazem os exames do secundário como auto-propostos. B.W.

## EXIGÊNCIA NA INFANTA D. MARIA AFASTA ALGUNS ALUNOS

A “melhor” pública fica em Coimbra

A Escola Secundária Infanta D. Maria, em Coimbra, tem fama de ser exigente. Muitos alunos escolhem-na por isso mesmo, porque sabem que os professores vão puxar por eles e prepará-los para os exames nacionais. Não por acaso, este ano entraram em Medicina 21 alunos, orgulha-se Fernando Azeiteiro, presidente do conselho executivo.

Mas há também quem fuja da “melhor” escola pública — embora posicionado em 13º lugar do “ranking” das cem escolas com médias mais altas, a Infanta é a primeira pública (se não contarmos com o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, de Braga, que teve apenas oito alunos a prestar provas nos exames seleccionados pelo PÚBLICO). “Aqui, os alunos que se vão embora seriam médios, lá [nas outras escolas] são bons”, explica Fernando Azeiteiro. No entanto, a Infanta não está a perder estudantes, já que são muitos os que chegam atraídos pelo nome do estabelecimento de ensino.

A sua fama não é dos tempos dos “rankings”, já vem de trás. Mas se nos focarmos nas listas ordenadas, a Infanta tem estado sempre entre as do topo. Segundo a seriação feita em 2002 pelo Ministério da Educação, era mesmo a primeira pública e a terceira na lista global. No “ranking” do PÚBLICO aparecia em 10º e este ano desce três lugares.

“É difícil competir com os colégios, porque a maneira de funcionar é diferente”, reage Fernando Azeiteiro. “Nós não podemos escolher os alunos e aqueles que repetem de ano, vezes seguidas, também fazem exames e acabam por contribuir para a média”. A escola fica numa parte nobre da cidade e acolhe muitos filhos de pessoas com profissões liberais. “Noutros escolas, em zonas menos privilegiadas, as expectativas dos alunos são completamente diferentes”, admite.

Mas seja qual for a situação, para o professor Azeiteiro o importante é que os estudantes estejam motivados. E a escola preocupa-se em criar condições para o sucesso, nomeadamente através dos horários. O presidente do executivo confessa que muitos docentes queixam-se, mas “os horários têm de ser feitos a pensar nos alunos”. As horas estão todas concentradas de manhã ou de tarde, de maneira a que os jovens não tenham de ir à escola no resto do dia. “Para terem tempo para estudar”, mas também para fazerem outras actividades, mesmo que essas passem por ter explicações, que “são um mal geral”. ■ B.W.